

**EXPEDIÇÃO AO JALAPÃO (2)**

Para um projeto que não queria ser uma nova Brasília, o aspecto geral do traçado de Palmas é quase primário: uma malha reticulada sobre um terreno bastante plano ao longo de quilômetros rompidos por longas e retilíneas avenidas estruturais de três pistas que se cruzam em rotatórias, um largo canteiro central arborizado que poderá vir a ser usado por um futuro sistema de transporte de massa. As faces das quadras praticamente só tem comércio, as moradias ficam atrás. Diante desse comércio, bolsões de estacionamento para os veículos separam o trânsito. Quase não se vê transporte público, apesar de ser uma cidade onde as distâncias são enormes e o sol é inclemente. Há pouca gente nas calçadas, a vida da cidade pulsa noutros lugares. Já existe uma nítida segregação, onde moram os mais abonados e os menos, que começam a ocupar extensos loteamentos abertos no meio do cerrado, longe de tudo.

Após deixarmos as malas no hotel, fomos conhecer a praça dos Girassóis, o coração do projeto urbanístico da cidade, a apenas duas quadras, sob um sol escaldante. Uma gigantesca catedral católica ocupa um lado da área central, como em Brasília. Ao fundo, o palácio do governo em tijolos vermelhos, encimado por um brasão que dá um ar kitsch ao imponente edifício. Ao longo da esplanada, situam-se os edifícios em dois pavimentos de todas as secretarias de estado (são muitas) e noutro canto está um belo edifício projetado por Oscar Niemeyer dedicado à Coluna Prestes, infelizmente fechado para reformas. Embora seja gigantesca a área da praça, não há gente nela, é um lugar do poder apenas.

Depois, como diria meu pai, aluguei o tempo de um “chofer de praça” para conhecer um pouco da cidade. Fomos até um parque, bem cuidado, com uma grande estrutura de áreas verdes e de lazer, uma feira e muita gente. Para se refugiar do calor excessivo, o povo vai para lá ou para as praias às margens do Tocantins. Fomos até a praia da Graciosa, bem cuidada e muito usada pela população local, com bares, restaurantes, atividades esportivas e culturais, com excelentes pistas de caminhada e ciclovia. O pôr do sol é um espetáculo a parte, com vista para a grande ponte sobre o lago. Na região, além da gastronomia oferecida, enormes edifícios de apartamentos estão sendo implantados ao longo da avenida que acompanha o lago da represa do rio Tocantins criado pela usina hidrelétrica em Palmas, não há força que resista ao setor imobiliário no Brasil, a “força da grana ergue e destrói coisas belas” num piscar de olhos.

No dia seguinte, bem cedo, o início da jornada rumo ao Jalapão. A viagem da expedição foi feita pelo grupo em três veículos com tração nas 4 rodas, sete lugares meio apertados, do tipo capaz de enfrentar as estradas da região. O guia e motorista, mais seis passageiros. No começo havia asfalto de uma estrada de pista simples em bom estado, depois pegamos terra e poeira até a primeira parada, a chamada “Pedra furada”. Lembra aqueles belos cenários dos filmes do velho oeste americano, uma formação arenítica que o tempo vai esculpindo com um entorno meio desértico sob o sol a pino. De alguma forma, lembrei das voçorocas da Franca onde brinquei na infância, como a das Maritacas e seus caminhos esculpidos no arenito bauru, a geologia francana do cerrado em transição.

Dali, fomos em direção à Lagoa do Japonês, local com boa estrutura para quem gosta de nadar. No final do dia, acabamos retornando à cidade de Ponte Alta do Tocantins, onde chegamos à noite, uma pequena cidade perdida no interior do estado, onde dormimos numa pousada que tinha água quente e internet (noutros dias dormimos em Mateiros e São Félix, pequenas cidades). Dia seguinte cedo, mais estrada, daí em diante só terra mesmo. (continua)

Mauro Ferreira é arquiteto